

A ortonímia de Virgílio de Lemos: uma releitura moçambicana dos sonhos, paisagens e memórias

*Antônio Carlos Alves da Silva**

RESUMO

O trabalho verificará a comunhão poética entre Virgílio de Lemos e Fernando Pessoa como forma de demonstrar as influências e as alianças entre o pensar e o sentir da poesia, direcionados ao homem e à pátria de cada um dos poetas. A criação de Virgílio, sob as ressonâncias do fazer pessoano, constitui uma olhar específico de revisitação da memória poética, dos sonhos e das paisagens multiformes do universo moçambicano.

Direi que em tua carne o nada
é quem revitaliza a vertigem
e cria, insolentes, os sons da alma.
(Virgílio de Lemos. Três exercícios d'exorcismo:
o corpo do silêncio. In: *para fazer um mar*)

Tendo vivido grande parte da história de Moçambique no recém-passado século XX, a poesia de Virgílio de Lemos perpassou esse período seguindo as orientações de quem vivenciava, como vivenciou, todos os problemas e matizes que fundiam a tradição lusitana com a tradição dos povos moçambicanos. Moçambique nunca foi um país homogêneo. Antes mesmo de sua colonização, sabe-se que a profusão de etnias e, com isso, a de idiomas e dialetos vários sempre foram marcas de boa parte da África, e que o país revelava traços de uma multiculturalização bastante peculiar.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista da Faperj.

O sentido múltiplo, reflexo de uma sociedade multicultural, está, de certo modo, transposto nas heteronímias criadas por Virgílio (Bruno dos Reis, Duarte Galvão e Lee-Ly Yang, até 1963, quando parte para o exílio; V. Klimt, V. Ernest, que escreveu um livro de análise política sobre a Guerra dos Sete Dias e a Palestina, e V. Altdorfer), que surgem do mesmo sentido de fragmentação do sujeito semelhante ao de Fernando Pessoa, caracterizando, na poesia virgiliana, o processo de distensão do próprio sentido de unidade moçambicano. Tendo Portugal como referência direta da história moçambicana, mesmo na conturbada relação entre colonizado e colonizador, seria difícil a poesia de Pessoa não ter os seus ecos em poetas desse país. E os teve, sobretudo em Virgílio, o que não significa imitação, mas a busca de uma poesia universal – e isso Pessoa oferece.

Apesar de as heteronímias terem uma representatividade enorme no conjunto da produção poética de ambos os autores, interessam aqui somente as ortonímias de Virgílio e Pessoa. Melhor dizendo: verificar o que há de ressonância de Pessoa em Virgílio. Não é examinar os parâmetros estéticos ou temáticos simplesmente, mas mostrar algumas contraturas e relações que se projetam na poética de Virgílio, mesmo sabendo que a releitura de Pessoa implica uma transmutação do código de significações que inevitavelmente se condicionaram às características de um universo moçambicano bastante diferenciado do mundo lusitano.

Os poemas de *Mensagem*, o único livro que Pessoa publicou em vida, não serão vistos, porque se entende que há um percurso histórico-elegíaco que subjaz relacionado à história de Portugal. Tomar-se-á somente a poesia ortônima-lírica de Pessoa. A distinção entre o “Fernando Pessoa lírico” e “Fernando Pessoa autor de *Mensagem*” é feita por Jacinto do Prado Coelho (1973) em dois capítulos sobre o poeta.

Quanto às suas poesias, enquanto Fernando Pessoa tem uma sintaxe lúcida e direta, Virgílio tende a um dizer quase sempre estilhaçado. Muito raramente Virgílio se coloca de modo explícito, lícido, via de regra por apresentar um discurso fragmentário, em que tudo parece ser por si só um pressuposto de dissimulação. Untada a isso, a reunião de imagens invocadas de um cenário ora majoritariamente onírico, ora mnemônico e/ou ainda de ambos

amalgamados à teia de paisagens que é Moçambique, a resolução de sua poesia não poderia deixar de ser um simulacro, ainda que formado de verdades poéticas. É assim que no poema “No declínio da vertigem, o diálogo”, do livro *para fazer um mar* (Lemos, 2001, p. 102), diz:

No declínio da vertigem, o diálogo
é mais a redescoberta do amor
que o nada dentro doutro nada.

Sagradas as inscrições mudas,
sobre o mármore peregrino
das sepulturas, que o mar desgasta
para criar o espaço de amor
entre o visitante e o visitado.

Sagrados, ambos, reis do desespero
na aceitação de todos os absurdos.

Aqui tudo sucede a partir de uma vertigem quedante, de um sentido onírico que está se desfazendo. Tanto o “diálogo” quanto as “inscrições mudas” são “reis”, adquirem então sentido positivo, porém dentro de circunstâncias caóticas. É o caos que se implanta na linguagem, pois é ela que de alguma forma dá sentido e compreensão às coisas. É caos, porque os dois são “sagrados reis do desespero / na aceitação de todos os absurdos”. Só que esse caos deriva da vertigem, provavelmente de um sonho – artífice direto das circunstâncias a que está submetida a linguagem. É como se ela se constituísse de imagem e principalmente de uma possibilidade do que é onírico; seria, então, um derivado do sonho. Um produto direto ou indireto dele. Um devaneio. Apesar de que “no princípio, era o verbo” (Almeida, 1971, p. 105) e de se considerar a linguagem como início das demais atividades do homem, deve ter havido um período de latência em que ela estaria prostrada no sono e, por conseguinte, relacionada ao que seria o sonho (produtor de imagens) “inventor” da linguagem. “No princípio era o verbo” (ibidem, p. 105) é aquilo que sentencia que o homem só passou a ser homem a partir dele. Antes disso não era, mesmo que existindo, pois não podia decodificar-se como um texto. O homem só passou a ser, mesmo que já “pseudo sendo”, com a linguagem. Não se pode afirmar

que não havia homens antes dela, assim como que havia, apesar de ser possível haver. Trata-se aqui não de discursar sobre a linguagem, mas sobre o sonho. A maior parte das coisas tem um planejamento antes de existir, se não no plano real das construções, ao menos no imaginário, tal qual um devaneio ou um sonho. Bachelard diz que “sonha-se antes de contemplar” (1997, p.5) quando fala do “estudo dos devaneios materiais que antecedem à contemplação”. E aqui a linguagem é o que se contempla, mesmo que multifacetada, na face única que é a poesia. Parece que a circunstância mnemônica evoca involuntária e/ou voluntariamente esse sentido de origem ou, mais propriamente, do quem antecede quem. A linguagem é, paradoxalmente, uma memória evocada pela poesia. O historiador francês Jacques Le Goff diz que “o poeta é pois um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro. É uma testemunha inspirada dos ‘tempos antigos’, da idade heróica e, por isso, da idade das origens” (1990, p. 438).

De fato, a implicação da busca do sentido “dialógico” e das “sagradas inscrições mudas” penetra num sentido enigmático que pertence à busca das origens. E é ainda Le Goff quem adiante diz que “Mnemosine, revelando ao poeta os segredos do passado, o introduz nos mistérios do além”, só que não se pode esquecer que “ela é o antídoto do esquecimento” (ibidem, p. 438). Talvez por isso seja inútil saber ou alcançar com precisão certas origens humanas.

Curiosos são os versos “que o nada dentro de outro nada”, “entre o visitante e o visitado” e “na aceitação de todos os absurdos”. Todos parecem resvalar nas origens de Virgílio, que remetem a Fernando Pessoa. Todos parecem transformações da mesma coisa impessoal, tal como em *Novas poesias inéditas* (Pessoa, 1975, p. 165), quando escreve:

Dormi. Sonhei. No informe labirinto
que há entre a vida e a morte me perdi.
E o que, na vaga viagem, eu senti
com exata memória não o sinto.

Se quero achar-me, em mim dizendo-o, minto.
A vasta teia, estive-a e não a vi.
Obscuramente me desconcebi.

Ou ainda nesta estrofe:

Tudo foi dito antes que dissesse.
O vento aflora vagamente a messe,
E deixa-a porque breve se apagou.
Assim é tudo-nada. Bebe e esquece.
(Pessoa, 1975, p. 174)

Em ambos os poemas vê-se que há sempre um sentido de desencontro entre algumas relações lógicas, quando não tendentes ao paradoxo. Parece haver ainda nos versos de Virgílio o mesmo “jogo de espelhos em que as mesmas imagens se vão refletindo indefinidamente” em Pessoa, assim como a mesma “identificação paradoxal dos termos polarmente opostos – tudo, nada”, isto é, do “caráter intelectual do estilo que se manifesta na frequência de antíteses, paradoxos, jogos de conceitos e palavras” (Coelho, 1973, p. 166-167), tal como considera Jacinto do Prado Coelho em relação ao poeta lusitano.

Em Pessoa, há uma noção de memória e devaneios um tanto quanto distintos da de Virgílio. No poema de Fernando Pessoa, o eu lírico denuncia que se está à deriva entre o que é devaneio e o que é memória, de tal modo que um se funde ao outro. Primeiro diz: “Dormi. Sonhei”, mais adiante fala da “vaga viagem” em que esteve envolvido, mas não sentiu o que devia ter sentido com a “exata memória”. Para ambos, confere-se, no entanto, uma noção de que “os sonhos são os fantasmas do ser e da materialização de um devir”, e que neles “representamos alguma coisa que é ao mesmo tempo inelutável” (Zambrano, 1978, p. 130), como quando o professor espanhol de filosofia María Zambrano fala do “sonho de obstáculo”.

Um outro poema de Virgílio, do livro *Ilha de Moçambique*, chamado “The city” (Lemos, 1999, p. 127), diz:

Avanço por lugares que não sei
não vi nem habitei
privado de citações sinais
nomes cidades aves

Na evocação do que não sei
não vi nem vivi privado
de palácios vice-reis

respiro o perfume da ficção.

Deixo que o irreal submerso e
platônico romântico
invente amores dilemas e
trágico refaça
a analogia.

Desço à praia e de joelhos
mendigo tua rosa
filosofal.

Há aqui um dizer que também representa a transposição de uma atmosfera pessoana, sombra dos percursos de referências poéticas. Virgílio não imita, mas deixa resvalar na sua poética uma outra poesia. O parâmetro de salvar guardar “lugares que não sabe, não viu, nem habitou” e “por tê-los evocado respira a ficção” é uma entrega que se antepõe a uma outra instância onírica para que esta intervenha livremente, porquanto ele “deixa que o irreal (...) invente amores (...) e refaça a analogia”. Não importa o que venha a ser essa analogia. O que interessa é a entrega que há no devaneio. Um devaneio que é declaradamente ficção. A “evocação” é ao mesmo tempo de paisagens, de sonhos e memórias, todos devidamente fundidos. É uma paisagem hiper-sensorial ou hipo-sensorial, porque não decodificada nos detalhes, mas, por ser “lugares”, há de se cogitar que haja algum tipo de paisagem. Simon Schama, no seu livro *Paisagem e memória*, diz que, “antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente” (Schama, 1996, p. 17), tal qual no poema se apresenta a paisagem perdida, mas sobretudo sentida. É como se houvesse uma integração do tempo com as imagens ora verdadeiras, ora oníricas, no sentido de unidade. A paisagem, o devaneio e a memória ali contidos se presentificam não como circunstância, mas como temporalidade, em que se tem a vivificação num instante sempre presente, porquanto eminentemente poético. Simplesmente pelo fato de que a poesia só se realiza em presença. Ali está uma dimensão de realidade ou, se se quiser, de verdade, subserviente ao tempo da criação (da *poiesis* grega), decorrente das realidades oníricas e poéticas. Caminhar por lugares que nunca se soube, viu ou habitou constitui em si um percurso advindo de uma paisagem perdida na memória, que não é de fato

perdida, ou de uma produção de imagens (realidades) oníricas. Essa paisagem perdida se realiza no tempo, o que lhe dá sentido e unidade, não como uma vertigem ou um delírio sem nexos. É desse modo que “a verdade se dá na transparência do sono, neste presente-perfeito que já é supratemporalidade: um nível superior onde o tempo múltiplo se torna uno. O tempo encontra o que lhe falta: sua unidade” (Zambrano, 1978, p. 131), tal como diz María Zambrano quando trata da verdade no sonho e da realidade no tempo.

Para observar ainda as metáforas como imagens poéticas da relação entre Virgílio e Pessoa, o poema “A hora do pôr do sol”, também em *Ilha de Moçambique* (1999, p. 42), diz:

E é dentro do Nada que vivo
e me repito me desdobro
é dentro do Nada que existo
e me insinuo e me transponho
nos dois sentidos viajo.
Metáfora dentro da metáfora
gêmeo do Nada repetido
na espiral da dor Nada
que se dissolve e se revolta
no desdobrado infinito. Nada.

Mesmo não tratando de heteronímias, é difícil aqui não despontarem os primeiros versos de “Tabacaria”, de Álvaro de Campos, que dizem: “Não sou nada/ Nunca serei nada/ Não posso querer ser nada./ À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo” (Pessoa, 1975, p. 256). Não é possível, nem se pretende encontrar uma delimitação do Pessoa que há em Virgílio. No entanto, ao menos nesses poemas há certa ressonância da poética pessoana. E ainda nos versos do próprio Pessoa, que dizem: “Tanto aspirei, tanto sonhei, que tanto de tantos tantos me fez nada em mim” (Pessoa, 1975, p. 191), a correspondência entre ambos, mesmo que indireta, é algo que se denuncia em maior ou menor intensidade, mas sempre com seus fluxos e refluxos.

Ambos montam uma estrutura poética em que as relações entre sonhos, paisagens e memórias tendem quase sempre, e cada qual a seu modo, a determinadas ressonâncias, entendidas aqui como reflexo indireto do que há de Pessoa em Virgílio. O trâmite das imagens, das evocações mnemônicas ou oní-

ricas, arquiteta sobretudo relações lógicas a rigor assimétricas, devido ao intuito de lucidez de Pessoa e ao esfacelamento de imagens em Virgílio.

Entretanto, antes de se definir Virgílio como um derivado direto ou indireto de Pessoa, explícito ou implícito, e a questão aqui não é de medida, observa-se que pelo menos por parte do poeta há um perfil moçambicano compreendido entre as performances de uma civilização contemporânea e não simplesmente acisolada às nuances que capitalizam um país geograficamente aprisionado no continente africano. A sua poesia não se realiza porque Pessoa se realizou. Não é suficiente cogitar tal hipótese. Se ele não tivesse a destreza e o sentido de busca da poesia, não adiantariam quaisquer outras influências. Desse modo, Virgílio representa não só um Moçambique do continente, mas também intercontinental.

ABSTRACT

This research is about the poetic communion between Virgílio de Lemos and Fernando Pessoa to demonstrate the influences and relations between poetical feelings and thoughts of each one of poets homeland and people. Virgílio's creation, which is influenced by Fernando Pessoa's way of writing, is part of a specific Mozambican universe's point of view including its great diversity, poetic memory and dreams.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, João Ferreira de. Novo Testamento. In: *Bíblia Sagrada*. 22ª impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1971.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BERARDINELLI, Cleonice. Fernando Pessoa: os vários eus. In: *Estudos de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 2. ed. São Paulo. T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

- COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1973.
- LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- LEMO, Virgílio de. *Ilha de Moçambique: a língua é o exílio do que sonhas*. Maputo: Associação Moçambicana de Língua Portuguesa, 1999.
- LEMO, Virgílio de. *Negra azul: retratos antigos de Lourenço Marques de um poeta barroco, 1944-1963*. Portugal: Instituto Camões, 1999.
- LEMO, Virgílio de. *para fazer um mar*. Portugal: Instituto Camões, 2001.
- NUNES, Benedito. *Fernando Pessoa*. In: *O dorso do tigre: ensaios*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.
- PESSOA, Fernando. *O eu profundo e outros eus* (seleção poética). Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1975.
- PESSOA, Fernando. *Poesias coligadas. Quadras ao gosto popular. Novas poesias inéditas*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1975.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ZAMBRANO, María. *O sonho e a criação literária*. In: CALLOIS, Roger; VON GRANEBAUM, G. E. *O sonho e as sociedades humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

